

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA		— ANNO I — 24 DE ABRIL DE 1881 — N.º 10 —	ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR		GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º	BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis		Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	15300 "		Semestre ou 26 numeros.....	45000 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "		Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	60 "		Avulso.....	200 "

SUMMARY

Gravuras:—O terraço do palacio real de Napoles; O inverno da vida; A mocidade inconsciente; Um voltiak.

Texto:—As nossas gravuras, por Pinheiro Chagas; Sciencia popularizada; Como e porque morri, imit. Luiz Quirino Chaves; Em busca do polo Sul; Saudação aos palmares, Castro Alves; Sombrinhas, Nobody; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amaro; Sobrezeira, por Marrasquino;

AS NOSSAS GRAVURAS

O TERRAÇO DO PALACIO REAL DE NAPOLES.—*Fe-
dere Napoli e poi morire*, diz o proverbio italia-

ridente d'esse vastissimo rio, pode não ficar sur-
prehendido ao entrar na formosa bahia italiana,
cuja curva deliciosa, bordada de palacios de mar-
more e de laranjeas floridos, cinge em concha azul

Não faremos agora a historia do palacio real de
Napoles, hoje residencia apenas temporaria dos
soberanos italianos, basta-nos pedir ao leitor que
contemple essa deliciosa gravura, que se imagi-



O PALACIO REAL DE NAPOLES

no, e, tanto quanto podemos avaliar pelas descrições dos viajantes, e pelos quadros e pelas gravuras, não o ha mais verdadeiro. Napoles é um dos paraizos que Deus deu ao homem na terra para o consolar de ter perdido o paraizo do Genesis. Para nós, lisboenses, pode não ser um deslumbramento. Quem tem o Tejo e o limpido azul do céu que n'elle se reflecte, quem tem esta formosissima cidade que se pendura das suas sete collinas, a debruçar-se sobre o espelho

em que fluctuam, como outras tantas perolass, as ilhas que foram a delicia dos imperadores romanos como são ainda hoje a delicia dos *touristes*.

Mas quem vem do norte da Europa, d'eesses climas turvos e frios, em que o sol tem a pallidez de um cirio, e em que o céu é de um azul desmaiado como os olhos das inglezas, deve sentir-se verdadeiramente fascinado, ao encontrar-se de subito face a face com todos esses prodigios que a natureza ali accumulou.

ne por um instante rei de Napoles, que supponha que lhe é licito sentar-se n'um formoso terraço, contemplar a seus pés esse panorama admiravel, onde a terra, o céu e o mar formam um tal conjunto que se não sabe, como de Lisboa dizia Henri Martin, onde principiam e onde acabam o mar, o céu e a terra, imagine que um bello dia se levanta n'essa placida enseada um vento mais terrivel do que o que levanta as vagas do Mediterraneo, que um Vesuvio mais for-

midável do que esse que ali perto ondeia nos ares o seu penacho de fumo, começa a fazer sentir o seu rugido subterrâneo, que lhe falta de baixo dos pés esse terraço de mármore, e que é condenado não só a perder a corda, o que é pouco, mas a perder a pátria, o que é tudo, e a ir comer no estrangeiro o pão do exílio, exílio duplamente amargo, porque é o exílio de Nápoles, a privação d'essa pátria privilegiada e abençoada!...

Pois esse drama angustioso foi o que por mais de uma vez se representou n'esse terraço formosíssimo, em frente d'aquella natureza tranquilla. Por mais de uma vez uma rainha em prantos se arrancou dolorosamente d'esse terraço, onde o seu olhar se demorara com uma sensação voluptuosa n'esse panorama encantador, por mais de uma vez um homem, pensativo e sombrio, disse de si para si que a humanidade é ainda mais variável do que o mar, que de um momento para o outro se levantam as vagas do povo ao sopro desconhecido de idéas, como se levantam as vagas das bahias ao sopro desconhecido dos vendavaes, que os cataclysmos da historia são como os cataclysmos da natureza e fazem desaparecer de um momento para o outro as monarchias, como os terremotos fazem desaparecer as cidades; e que da cratera das nações saem de subito, como da cratera dos vulcões, torrentes de lava que arrojão e submergem os thronos como Stabioe e Herculano, e fazem desaparecer as côrtes no meio dos festins e dos espectáculos, como fizeram desaparecer a população de Pompeia no meio das festas do circo.

E assim Fernando deixou por duas vezes o seu palacio napolitano, e assim Francisco deixou para sempre esse terraço encantador para ir meditar para longe de Italia na philosophia das revoluções.

E a natureza indifferente e risonha, offerece a mesma festa opulenta e a mesma perspectiva admirável n'um dia ao olhar bourbonico do rei de Nápoles, no dia immediato ás pupillas revolucionarias de Garibaldi!

O INVERNO DA VIDA.—A gravura desconsola. Sente-se n'esse rosto macerado e enrugado a tristeza e o desamparo. Ha uns toques de resignação n'essa physionomia, mas de resignação que encobre muitas e muitas amarguras. Aquelle é o inverno dos temporaes e dos regelos. As arvores estão despojadas das suas folhas, e torcem os seus braços de esqueleto nas convulsões a que obriga o vento que passa agudo e frio por entre a ramaria secca. As nuvens correm carregadas no horisonte. De vez em quando um pallido sol de inverno faz passar um debil raio por entre a nebulosa cortina, raio sem calor e quasi sem luz, que vem apenas dar mais um toque de saudade infinita á melancholia agreste da paisagem.

Mas o inverno não é só isso felizmente, e o inverno da vida tem tambem as suas alegrias. Esta pobre velha que passa falla decerto como o Jacobus de Fauillet:

«Vejo a velhice, a velhice repugnante a si mesma e aos outros, caricatura dolorosa, ridiculo e sinistro desmancha-prazeres, tremulo espectro que a vida importuna e que a morte regela de pavor, mas o que eu não posso ver no seu espelho é o sombrio cortejo de desgostos e de misérias que se esconde no fundo d'essas rugas como um bando de aves funebres no fundo das minas.

São as enfermidades sem remedio, sem esperanca, unica distracção da velha na sua vigília sem tréguas. Diga, minha senhora, qual dos attributos da sua idade pode este pária escolher para n'elie abençoar o dedo da Providencia? Vê-se completamente só, a terra que pisa está cheia de despojos de tudo o que lhe foi caro; arrasta o seu fardo por entre os sepulchros, procurando o seu, e temendo de o encontrar. A natureza para elle só tem decorados aspectos, sóes sem calor, mortíferas primaveras. Repito, minha senhora, o que havemos de agradecer a Deus no estado em que nos achamos, graças á sua bondade? Não nos ter dado filhos? Seja assim! Não veremos ao meros filhos estremecidos seguir, á cabeceira do nosso leito, o trabalho da morte, e incitar, com os olhos avidos, a sua mão tardia... ultima corôa reservada a este longo martyrio, ultimo golpe que termina habitualmente esse castigo revoltante de um crime desconhecido—a vida humana!»

Mas outros poderiam responder-lhe, como madame d'Ermel a Jacobus:

«Quero acreditar que fosse outr'ora um lindo rapaz... mas duvido que as graças da sua adolescencia valessem tanto como o característico sello que imprimem na sua fronte as cicatrizes do combate da vida, e o reflexo da immortalidade proxima; e, se não tem consciencia d'essa belleza, para que levanta tão alto a sua cabeça branca? Ouse dizer-me ainda que não encontra prazer e gloria no incontestado prestigio que exerce uma velhice honrada, n'essa dignidade natural, que recompensa a vida de um homem de bem! Ouse dizer-me que a sua alma é de feitio tal que lhe aprovesse trocar agora o murmuro do respeito publico, a estima, a confiança e a veneração que o rodeiam, por amorosos triumphos e segredinhos de toucadores».

Aqui está o inverno da vida visto por dois prismas differentes. E ambos teem razão, porque o inverno da vida tem como o inverno da natureza dois aspectos diversos: ao lado das tristezas sombrias do inverno na charneca desolada, ha as alegrias do inverno á roda da lareira, ao lado da elegia cantada pelo vento nas ramas nuas do arvoredo, ha tambem o idyllio caseiro cantado pelo grillo na cinza quente do lar, e pela chamma crepitante na lenha secca que estala.

MOCIDADE INCONSCIENTE.—Podéra! não que os pardaes costumam ir comprar á praça os figos e as uvas! e o que são elles, esses dois travessos rapazinhos que estão áquellas horas fugidos da escola senão dois pardaes esturdidos que andaram a estouvanar pelos campos e que saltam alli na janella como os pardaes saltariam na figueira ou na vinha do proximo, com tão pouco remorsos como esses Proudhons dos ares que tambem estão profundamente convencidos de que a propriedade dos fructos é um roubo, e de que Deus Nosso Senhor creou as peras para os bicos dos passaros e para os dentes dos rapazotes, e as uvas para regalo dos pardaes, esses gaiatos dos ares, e para regalo dos gaiatos, esses pardalitos da terra?

Estava o sr. tabellião preparando a sua dentuça postiga para a cravar n'aquellas saborosas peras, e o seu estomago dyspeptico para receber aquelles doirados bagos de uvas que dizem «comei-me! comei-me!», como as uvas vermelhas e coradas da chacara de Garrett! Com que direito? fazem favor de me dizer. Foi lá dentro talvez

beber um copo de agua de Vidago, ou consultar um livro, ou receber um cliente, e tenciona voltar para depinicar distrahidamente tres ou quatro bagos de uva, ou para cortar um quarto de pera muito bem descascado, deixando o resto para outra vez! E haviam de andar aquelles valdevinos com os seus estomagos de dez annos em santa ociosidade! Elles que se vão consagrar todos ás uvas e ás maçãs! Elles que arregalam o olho diante d'aquellas maravilhas! Elles que vão cravar com ancia os seus dentes juvenis nas boas peras que se lhes derretem todas na boca para puro gozo de se verem tão bem apreciadas! Elles que vão repartir com os passaros, seus irmãos, que fogem do tabellião a sete azas, aquellas boas uvas redondas e assucaradas! Elles que adoram as uvas hão-de ir conjugar futuros imperfeitos, e o sr. tabellião que saborcia uma conjugação latina como uma guidade deliciosa, é que ha-de comer as uvas! Não! decididamente o mundo está mal organizado, por isso o Aca-so, esse pseudonymo da Providencia, levou o tabellião á bibliotheca e trouxe os dois garotos á mesa do lunch.

E sente-se que as uvas saltam para aquelles labios gulosos! e vê-se que as peras estremecem de jubilo só ao contemplarem aquelles dentes brancos e aguçados, e que aquellas fructas saborosas e aquelles risos satisfeitos fraternizam n'uma doce communidade, elles que são o fructo sadio e alegre da juventude, elles que são o riso alegre e bondoso e maternal da prodiga natureza!

E esta! não nos fizemos, sem querer, cúmplices dos rapazotes! Esperem que já lhes cantamos a *buena dicha*! Isto é coisa que se faça, meninos? Não sabem que isso é perfeitamente um roubo? Essas fructas são suas por acaso? escalar uma janella, roubar um tabellião! um velhinho veneravel! Ó mocidade inconsciente! que fazeis, jovens alumnos? E a policia? e a moral? e a sociedade? Espera lá, Diogo Alves! Espera lá, bandido! Já vos ensinamos a trepar ás janellas alheias! Ó da guarda!

Fujam que ahí vem o tabellião! fujam, malandrinos!

Fujam, mas, olhem lá, não se esqueçam das uvas!

Palavra de honra, se ficassem, era pena!

UM VOTIAK (Grande Russia).—Na hora em que escrevemos estas linhas, passa-se provavelmente n'um canto da Russia, lá no fundo dos governos de Viatka e de Oremburgo com cem mil sujeitos semelhantes a este que a nossa gravura representa, a seguinte scena:

Estende-se no chão uma pelle de urso, em cima da sobredita pelle põe-se um pedaço de pão, um machado e uma faca. Os Votiaiks aproximam-se da pelle do urso, cortam um pedaço de pão, e, antes de o comerem, dizem o seguinte:

«No caso de eu não ser toda a minha vida fiel ao meu soberano, de me revoltar contra elle por impulso proprio e com conhecimento de causa, de deixar de lhe prestar as homenagens que lhe são devidas, de o offender de qualquer maneira e seja como fôr, dilacere-me no meio dos bosques um urso semelhante a este, suffoque-me este pão immediatamente, mate-me esta faca, e corte-me a cabeça este machado.»

Mas porque dizem elles isso agora? pergunta

o leitor. Por uma razão muito simples: porque subiu ao throno da Russia o czar Alexandre III, e porque os Votiaks prestam juramento de fidelidade, de cada vez que sobe ao throno um novo soberano.

Parece provavel que não haja nihilistas entre os Votiaks, mas é provavel tambem que, se todos os russos tivessem de prestar um juramento de fidelidade n'estes termos, já não havia ursos que chegassem para devorar todos os que *offendem os czares* de um modo qualquer, os machados passavam a sua existencia a cortar cabeças indefinidamente, e na Russia poucos bocados de pão seguiriam o seu caminho até ao estomago!

Se os Votiaks são, como dizem pessoas bem informadas, homens que respeitam escrupulosamente o seu juramento, o czar o que devia fazer era pôr este barrete de pelles que não deixa de ser elegante, calçar estes *patins* e ir viver para Viatka ou para Oremburgo em cima da tal famigerada pelle de urso. Agora em S. Petersburgo um Votiak deve valer o seu peso de ouro.

Os Votiaks estão, ao que se afirma, ainda n'um estado quasi selvagem. Não parecem. Este sujeito da gravura, bem barbeado, com o seu bigode e pera perfeitamente christãos, mais parece um honrado negociante, que está tirando o seu retrato na photographia Fillon, do que um selvagem, que ainda pratica as ceremonias do seu culto no fundo sombrio das florestas.

PINHEIRO CHAGAS.

SCIENCIA POPULARISADA

RESPIRAÇÃO DAS PLANTAS

O phenomeno principal da respiração dos animaes é a constante evolução de uma certa quantidade de acido carbonico e de vapor de agua. O oxigeno do ar, em presença do sangue venoso no pulmão, rouba-lhe uma porção de carbonico e de hydrogeno, que converte em acido carbonico e vapor de agua.

Lavoisier, para tornar bem facil a comprehensão d'esta sua theoria, comparou o phenomeno da respiração ao que se passa n'uma lampada ou n'uma vela, quando arde.

Em ambos os casos, tanto na respiração como na combustão, é o ar atmosphérico quem fornece o oxigeno e o calorico; mas, como na respiração o combustivel é dado pelo proprio animal ou pelo sangue, é claro que se os animaes não reparassem pelos alimentos o que perdem pela respiração, morreriam por falta de combustivel, como a lampada, que se apaga, quando lhe falta o azeite.

Pois os vegetaes respiram como os animaes; porém, em sentido inverso.

De feito, ao passo que os animaes absorvem o oxigeno do ar para queimarem carbonico e formarem acido carbonico, os vegetaes absorvem acido carbonico para fixarem o carbonico em seus tecidos, e exalam oxigeno.

Esta decomposição do acido carbonico só se opera sob a influencia directa dos raios solares.

Se tomarmos folhas vivas, e as collocarmos debaixo de uma campanula com agua em presença da luz do sol, veremos destacarem-se da sua superficie bolhas de gaz, que se reúnem na parte superior da campanula, e que a analyse demonstra serem oxigeno puro.

Na obscuridade, porém, ou em presença da luz diffusa, produz-se o phenomeno contrario. A planta absorve oxigeno, e evolve acido carbonico. D'aqui procedem as expressões *respiração diurna*, e *respiração nocturna* para distinguir os dois phenomenos.

Do que levamos dito facilmente se conclue que as plantas durante o dia purificam o ar enriquecendo-o de oxigeno, e viciam-no durante a noite carregando-o de acido carbonico. Nada mais prejudicial á saude do que ter plantas á noite n'um quarto de cama.

COMO E PORQUE MORRI

I

A monotonia luzitana tinha-me feito semsaborão, massador. Fatigado dos brilhantes tons de luz do sol do Minho e d'aquella vegetação luxuriante, dei-me a viajar por esse mundo de Christo.

N'uma tarde dos ultimos dias de maio estava eu nos formosos prados que se estendem entre Ashborn e Fideswell, no condado de Derby, Inglaterra. O sol principiava a declinar no horizonte e dourava aquellas extensas planicies, onde pastavam centenas d'essas corpulentas vacas que constituem a riqueza e o orgulho da Gran-Bretanha.

Envolto na tibida atmospherica que me rodeava, afastei-me das apraziveis margens do Derwent, e fui caminhando por ali fóra. Escorregavam-me os pés por cima da relva escura e avelludada de um prado interminavel, e cansado da uniformidade d'aquelle salão campestre, dirigi-me para um bosque que avistava ao longe.

Mal que ali entrei, detive-me admirado. Ao centro do bosque havia um claro que parecia o que se chama um panno roto em decorações theatraes, e no meio o lago mais risonho e poetico de quantos tenho visto, que são muitos. A suave brisa franzia as aguas azues, sombreadas por uns poucos de salgueiros.

De repente notei que não me achava só n'aquelle sitio; um homem e uma mulher estavam assentados á beira do lago, afastados de mim unicamente por um grupo de arvores. Ambos eram muito velhos, mas bem conservados; estavam acceada e simplesmente vestidos, e não pareciam aldeãos.

O homem lia o *Times*, a mulher fazia meia.

Estavam tão absortos, que não repararam em mim.

II

O sol escondeu-se por entre nuvens; o homem suspendeu a leitura, olhou para o céu, e disse:

— Misstris Gorris, vamos ter temporal.

— Tambem me parece, mister Gorris, tornou a mulher.

Olhei tambem para o céu. Um immenso conjunto de nuvens avançava com rapidez do lado do poente; a brisa transformou-se em vento frio e as arvores principiaram a agitar a folhagem.

— Misstris Gorris, disse o homem, a tempestade vem mesmo ao pintar, e occorre-me uma idea para o nosso projecto.

— Que idea, mister Gorris?

— Este lago cresce muito com a chuva.

— Não comprehendo, mister Gorris.

— Vae comprehender: está decidida?

— A mulher deve acompanhar o marido.

Um grande trovão interrompeu este dialogo, e quasi de repente principiou a cair uma chuva torrencial.

Concheguei-me o mais que pude com a arvore que me abrigava, e excitada a minha curiosidade pela conversação do vetusto par, puz-me a observá-los, procurando não ser visto nem sentido.

O homem dobrou o *Times* e guardou-o n'uma algibeira. Sem se arredar do sitio onde estava, alcançou um grande guarda-chuva encarnado e abriu-o por cima d'elle e da mulher.

Depois disse:

— Misstris Gorris, a felicidade farta uma pessoa! A Inglaterra está quasi estourando de pleto de dinheiro, e nós estamos quasi rebentando por excesso de bem-estar.

— Lá isso é verdade, mister Gorris.

— Misstris Gorris, somos dois velhos sadios e robustos; os negocios, por mais que os descubramos, prosperam que é um gosto. Se eu fosse mais novo, ia para Londres ver se me arruinava na Bolsa; mas é tarde. Por consequencia, realicemos o nosso proposito.

— Vamos a isso.

— Acompanhe-me.

— Aqui vou.

O velho poz-se em pé; a sua companheira guardou a meia e fez outro tanto.

— Dê-me o braço, misstris Gorris; sejamos ternos esposos até ao fim.

— Sejamos, repetiu a mulher.

Eu estava cada vez mais surprehendido; mas qual não foi o meu assombro, quando vi os dois conjugues metterem-se dentro do lago, vestidos e calçados!

Chovia cada vez mais, o vento soprava com mais violencia e eu estava cada vez mais attonito.

Sei que os inglezes são os entes mais excéntricos da terra, e todavia não comprehendia aquelle estranho capricho.

Os dois esposos, de braço dado e guarda-chuva aberto, chegaram ao meio do lago, que tinha pouco fundo, e assentaram-se tranquillamente; a agua cobria-os até meio do peito.

Eu não acabava de comprehender.

Mas o lago ia crescendo com a chuva, e pouco a pouco desappareceram os bustos dos dois anciãos.

O homem continuava de guarda-chuva aberto.

A agua ia subindo: a mulher, que era de baixa estatura, já lhe dava pelos hombros.

— Misstris Gorris, disse o homem, vae ser uma morte muito agradável.

— Assim parece, respondeu tranquillamente a sua companheira.

Estas palavras foram para mim um raio de luz; comprehendí que aquillo era um duplo suicidio, quiz mover-me, tentei gritar; mas o assombro tinha-me paralisado e mudo; attentando n'aquellas duas physionomias tranquilas e quasi risonhas que iam desapparecer, sentia eu a influencia magnetica e fascinadora da morte e da agua.

Não obstante, fiz um esforço, saí do meu esconderijo e adeantei-me para o lago, gritando.

Mas ao ouvirem-me, os dois anciãos deixaram-se cair para traz e desappareceram.

O guarda-chuva, solto das mãos de seu dono, flutuou alguns momentos e desapareceu também.

(Conclue no prox. numero.)

(Imit.)

LUIZ QUIRINO CHAVES.

e uma apoz outra, expedições numerosas teem percorrido aquellas geladas regiões: quem não conhece já, por pouca instrucção que tenha, as vastidões do polo norte, com as suas auroras boreaes e os seus ursos brancos?

Verdade é que o conhecimento das regiões ar-

os mares do sul com o *Astrolabio* e a *Zeles*, descobriu terras desconhecidas, sem avançar muito em latitude.

Uma costa immensa, obstruida a espaços por enormes bancos de gelo, apresentou-se ante o viajante rodeando a região polar a muita distan-



O INVERNO DA VIDA

EM BUSCA DO POLO SUL

O polo sul! Que é que d'elle se sabe? Nada, ou quasi nada.

O polo norte teve o privilegio de attrahir com preferencia a attenção de viajantes e geographos,

ticas interessa-nos mais que o das antarticas. As expedições ás regiões articas não teem sido feitas só por curiosidade scientifica, mas tambem para resolver um problema de utilidade practica: descobrir a passagem do noroeste

Quando Dumont d'Urville, em 1840, percorria

cia do polo antartico. Aquella costa chamou-se *Terra Adelia*.

Nove annos antes, Wilkes e Ross, mettendo-se entre gelos e abrindo passo, chegaram até cento e sessenta milhas do polo magnetico; mas não conseguiram observar extensos horisontes, nem

determinar sob aquellas immensas camadas de gelo os contornos orographicos do solo.

Menos ainda se pôde dizer da fauna e das flores d'aquellas soledades. Nem sequer pôde falar-se dos accidentes meteorologicos, que n'ellas se apresentam. Só se sabe que o frio é ali muito

radas; ali só ha auroras polares, *tempestades a fogo lento*, como lhes chama Silherman.

Paiz cheio de encantos para quem só os encontra no desconhecido!

Formaram os marinheiros italianos Negri e Bone uma expedição para-continuar nas regiões

particular. Calcula-se que as despesas da expedição se elevarão a 600.000 francos.

Contavam os viajantes partir ha poucos dias de Genova, mas os preparativos adiam a data da partida.

Eis agora as suas tenções:



MOCIDADE INCONSCIENTE

mais intenso que no polo norte; os gelos estendem-se a latitudes muito mais baixas, e o verão é limitado. Pôde affirmar-se que nunca neva, e que nunca ali ha essas estrepitosas tempestades frequentes nas zonas tropicaes e até nas tempe-

antarticas as tradições dos famosos viajantes; acima citados. O governo italiano não auxilia muito o empreendimento, mas em compensação formaram-se commissões em todas as terras de Italia, que arrecadam os productos da subscripção

Sair pelo Estreito de Gibraltar para o Atlantico, que atravessarão com rumo S. O., sondando os fundos e estudando as correntes que se encontrarem a diversas profundidades. Em Montevideo fornecer-se-hão dos utensilios necessarios

para a internada; farão reconhecimentos parciais em Terra de Fogo para assegurar os fornecimentos de carvão, e depois todos os expedicionários continuarão seu caminho para as ilhas de Shetland do sul, passando entre a Patagônia e as ilhas Falkland.

Já nos mares antárticos, principiaram as investigações interessantes. Trata-se de estudar a configuração das terras austrais, de apreciar o que ha de verdade acerca do continente polar, de colher preciosas indicações sobre as oscillações do pendulo, acerca da atmosphera e da temperatura, determinando de um modo preciso a posição do polo de frio, etc., etc.

O commandante Negri e o tenente Boré não desconhecem as observações de Ross com respeito á impossibilidade de abordar as terras antárticas, nem ás grandes difficuldades d'uma internada n'aquellas regiões; esperam, porém, muitos resultados do seu esforço, especialmente do auxilio do vapor, que tencionam empregar em grande escala para todos os trabalhos de avançada e de resistencia.

Tencionam dirigir-se primeiro á Terra Adelia, invernar ali, e no verão, que é invertido com relação ao do nosso hemispherio, seguir para oeste, atravessar o continente do Sul, e rodeando os montes Parry e Sabina, internarem-se na immensa valla de gelos, atravessando-a até onde for possível.

Sendo certas as observações de Lambert, que dizia: «no proprio polo, durante o verão sempre é meio-dia», nos arredores do extremo do eixo terrestre, é possível que encontrem o mar livre ou o continente em disposição de avançar para o polo.

SAUDAÇÃO AOS PALMARES

Nos altos cerros erguido
Ninho de aguas atrevido!
Salve! Paiz do bandido!
Salve! Patria do jaguar!
Verde serra onde os palmares,
Como indianos cocares,
No azul dos columbios ares
Desfraldam-se em molle arfar!

Salve! Região dos valentes,
Onde os echos estridentes
Mandam aos plainos frementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam...
E as trompas de caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre um solo abrazador!...

Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que n'um sossobro infinito
Abriste a vela ao tufão;
E provocaste a rajada,
Solta a flamma agitada
Aos uivos da marujada
Nas ondas da escravidão!

De bravos soberbo estadio,
Das liberdades paladio,
Tomaste o punho do gladio
E olhaste, rindo, pr'a o val:
«Descei de cada horizonte

Senhores! vede esta fronte!...
E riste... o riso de um monte,
E a ironia... de um chacal.»

Cantem eunuchos devassos
Dos reis marmoreos paços,
E beijem os ferreos laços,
Que não podem sacudir...
Eu canto a belleza tua
Caçadora, semi-nua,
Em cuja perna fluctua
Ruiva pelle de um tapir.

Creoula! O teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro.
— Luzidio, firme, duro, —
Guardaste-o pr'a um nobre amor.
Negra Diana selvagem
Que escutas sob a ramagem
As vozes, que traz a aragem,
De teu rijo caçador!

Salve! amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira
Sabes beber e lutar;
Salve! nos cerros erguido
Ninho, onde em somno atrevido
Dorme o condor e o bandido!...
A liberdade... e o jaguar!

CASTRO ALVES.

SOMBRINHAS

(G. D'A.)

Um caracteristico!

Anda que tem diabo, quem tal diria! Corre toda a baixa cada dia cinco ou seis vezes, sempre no mesmo passo, encostado ás paredes, com o seu inevitavel chapéu baixo, e a bengala empunhada na mão direita e continuamente embainhada e desembainhada no orificio obtido pela junção das pontas de pollegar e index da mão esquerda. De vez em quando pára, ergue o nariz para o ar e cheira. Logo depois, parte de novo e eis-o ahi vae, com o pensamento a cem leguas do que se passa em volta d'elle, scismando no assumpto d'um folhetim, d'outro folhetim, de 3 folhetins, de 20 correspondencias e de um jornal inteiro que elle illumina com a luz veneziana e decorativa da sua bella *cerve* inexgotavel!

Se se approxima de um grupo conhecido, não comprimenta ninguém, isso é já sabido e ninguém repara, porque elle no mais é delicadissimo.

Quando lhe estendem a mão, elle dá então dois dedos da d'elle, muito tesos, inflexiveis. Os outros que lh'os apertem. Quando está farto de conversa, vae-se embora como veio.

Grande ratão!

Tem uma physionomia singular, ao mesmo tempo vulgar e expressiva. A testa é enorme, cheia de bossas, os olhos e o nariz nada tem de extraordinario. O que lhe dá o destaque, o tom, são os beiços, que elle estende em tubo, como os d'um elephante pequeno, imagem de que elle não pode offender-se se tiver lido o cantico dos canticos hindu, traduzido esplendidamente pelo sr. Christovão Ayres. Pode lá ver que a esposa dos cantares não duvida nos seus espasmos de amor assimilar o seu bem amado ao mesmo sagrado

animal, cujos beiços me serviram de comparação (será bom dizer-se, que não sinto por G. de A. espasmos de especie alguma.)

No beigo superior nasce uma urze,—o bigode e esse bigode é caracteristico tambem.

Nunca o vi de luvas, nem de chapéu alto.

E todavia nada tem de desleixado no resto da sua *toilette*. Vê-se pelo contrario que é exigente e que o seu alfaiate não é aquelle que veste os sapos, como diz *Gustave Droz*.

Tem immensa graça, uma graça um pouco de formula, com uma abundancia de torrente, canalizada sim, mas sempre torrente. O seu espirito e o seu processo, lembram a pederneira e o ferro. Quando um percute o outro, chispa lume, e chispa todas as vezes que o dono quer. É impossivel estar um momento serio ao pé d'elle. Tem uma facilidade suprema em aproveitar os pequenos angulos, as pequenas arestas do ridiculo alheio. Ninguém mais rapidamente do que elle encontra para a ideia espirituosa, que resalta do comico das cousas, forma mais justa e precisa. Fez uma comedia encantadora, o *Rosalino*, que nunca teve a audacia de publicar, porque este escriptor, independente e originalissimo, mas *ingenuo*, succumbe e recua deante do protesto violento da massa imbecil e surprehendida. A pateada perturba-o. Não tem o sorriso heroico, a grande força de vontade indomavel e desdenhosa, que é a couraça intima dos grandes artistas incompreendidos. As grandes quedas ruidosas, com explosões de pateada, gritos de furia, e o empresario, pallido, nos bastidores, chorando o seu dinheiro — intimidam-n'o. É por isso talvez que elle abandonou o theatro para que tinha a vocação mais decidida, mais brilhante e mais moderna que eu conheço. Até hoje é um auctor pateado. D'aqui a 20 annos era um triumphador.

Este millionario de espirito tem gasto todo seu rendimento e entrado mesmo um pouco pelo capital nas orgias diarias do jornalismo barato. Quem quizer conhecer o valor d'este excepcional engenheiro, tem de ir á bibliotheca, e embrenhar-se por entre a folhagem resequida e obscura das collecções jornalisticas, e procurem os vestigios do brilhante estylista nas columnas esquecidas dos diarios, de vida ephemera, como certos insectos de azas scintillantes e esmeraldinas, que encontram em 24 horas o espaço necessario para nascer, viver, morder, fecundar e morrer.

Não ha editores em Portugal. Se os houvesse já um d'elles teria colhido n'este immenso areal deserto do jornalismo essas palhetas de ouro que se chamam: *Zig-zags*, *Cris-cris*, *Cartas d'un birman*, folhetins do *Jornal de Commercio* e *Primeiro de Janeiro*, para os juntar n'um feixe scintillante de 400 raios, ou de 400 paginas. Sr. Corazzi, sr. Chardron, srs. homens de iniciativa arrojada e grossos cabedades. Ahi tem uma ideia, aproveitem-na e explorem-na. Deem-me esse volume quanto antes com a sua bella capa de cores e em bello typo elzevieriano e eu troca dou-lhe 8 tostões por elle.

G. d'A. conseguin libertar-se d'uma especie de tutela que o prendia. Referimo-nos a essa tradicional admiração por G. Junqueiro. Nunca vimos um homem assim tonto por outro. Era uma especie de culto, de fascinação, com todos os seus symptomas—olhos esgazeados, bocca aberta, lingua pendente. Junqueiro, dizia uma phrase banal por excepção (agradeça-me, Junqueiro) ahi ia

logo G. d'A. todo lepidamente espalhar:— Vocês querem ouvir uma de Junqueiro, e contava, e ria-se elle proprio, e repetia-a contentissimo, muito mais do que se fosse sua. Sabia versos d'elle de cor e recitava-os! Andavam sempre juntos, ás vezes a tres ou quatro passos um do outro, mas inseparaveis. Escreviam versos, compunham prosas, fabricavam revistas e quando depois atiravam ao ar essas pyrotechnas de *humour*, essas granadas de verve, esses bellos foguetes de lagrimas de cores, e elles estalavam nos ares por entre os apupos de uns e as acclamações dos outros, Junqueiro triumphante, ruidoso, com o seu lenço seguro nas pontas aparava em baixo as glorias, os triumphos, os bellos deslumbramentos scintillantes e G. d'A. encolhido, modesto, a um lado, aparava apenas as lagrimas luminosas mas candentes e muitas vezes as canas.

Nobody.

Este perfil foi escripto há dois annos. O artista que elle contorna está em Paris ha bem pouco tempo para não ter ainda mudado.

Iamos jurar que não muda nunca.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS
POR

Victor Tisset e Constant Améro

I

Os deportados na Siberia reputam uma terrivel aggravação de pena o serem mandados para as minas de Nertchinsk.

Ha cousa de alguns annos, por uma fria manhã de outubro apejava-se de um pequeno carro á porta da casa de madeira do inspector de uma d'essas minas — a de Ukbu! — um russo, que teria, pouco mais ou menos, vinte e cinco annos.

O condemnado pallido, abatido, fraco, parecia extenuado pela viagem, que fizera de um só jacto de Kieff a Nertchinsk n'uma «kibitka» descoberta. Havia mais de dois mezes que trazia por cima das botas os anneis de ferro da cadeia, que se lhe prendia aos pés.

O policia que o acompanhava — de casaco azul e capacete de cobre — entrou em casa do inspector (o «smotritel») para entregar-lhe os papeis, que diziam respeito ao deportado confiado á sua guarda.

Á entrada da porta foi empurrado, quasi deitado ao chão, por um homem de rosto muito inchado, repellente á vista, que vinha sahindo com as mãos atadas nas costas, acompanhado por outro policia, que difficulosamente podia contello.

Era um forçado. Tinha tentado evadir-se das construcções de Okotsk, e era trazido de muito longe para ser encarcerado na mysteriosa fortaleza de Akatua, situada nas immedições de Nertchinsk, e cujo nome se não pronuncia na Siberia sem um terror indizível. O desgraçado apagára, desfigurando-se com acido sulfurico, as tres letras, que o carrasco lhe imprimira na testa e nas faces, e que reunidas formam a palavra «vor» ladrão.

— Tenho sede! gritava elle com voz suffocada. Deem-me de beber. Estou ardendo em febre!

O unico soccorro que lhe prestaram foi atarem-

n'o á roda de uma carroça debaixo do telheiro contiguo á casa do inspector.

Do interior da habitação partiam os sons asperos de uma rebecka, que tocava com animação a quadrilha da *Bella Helena*. Palavras pronunciadas com energia indicavam aos danzadores as figuras e movimentos, que deviam executar. O sobrado feito de pinho repercutia o arrastar dos passos cadenciados por entre gargalhadas frescas e juvenis.

— Uma gota d'agua... alguma cousa que se beba, repetia o forçado ajoelhado na lama, revirando os olhos com expressão malevola e com a bocca escumando de raiva.

O recém-chegado a Ukbu desviou a vista d'aquelle espectáculo repugnante, e passeiou-a pelos logares em que tinha de cumprir a sua sentença.

O panorama que se desenrolava a seus olhos era composto de cabanas e «yurtes», abrigo dos trabalhadores da mina, dominados aqui e acolá por pequenas casas de madeira, em que residiam os empregados da administração, o capitão, o padre, e o medico; distinguia-se n'um abarracamento a caserna dos guardas da chusma, a capella, um hospital; tudo isto offerecia o aspecto mais triste e miseravel.

Limitando toda a perspectiva, estendia-se, para lá, a cadeia de montanhas dos Jablonoi, cujos pinheiros cobertos de neve iam-se ás nuvens e desappareciam do lado do Oriente. N'um precipicio de mil metros — fenda de paredes perpendiculares elevando-se a mais de dois mil pés — achava-se o poço da mina. Sobre a rocha de um encarnado vivo como sangue, o frio tinha já transformado em massa de crystal as aguas provenientes da fusão do gelo, e a roda hydraulica, a que um lençol liquido imprime movimento durante o estio, permanecia immovel, erguendo-se enorme e negra como um instrumento de supplicio.

O vento gelado, que sahia do poço arrastava, depondo-as em todas as asperezas, finas agulhas de geada, que vinham picar o rosto do deportado.

O desgraçado moço levantou aos ceos um olhar de triste resignação, olhar de quem renuncia á vida, ou de quem a offerece em sacrificio. Mas, rapida como um relampago, operou-se n'elle a revolta da mocidade e do direito; os olhos negros faiscaram-lhe; aproumou-se-lhe o corpo com um movimento de altivez, que nobilitou o capote cinzento do forçado e o medonho chapéo preto que servia para disfarçar a ausencia dos escuros anneis de cabelo cortados pelas thesouras da prisão... Sandava o horizonte como para descobrir o caminho da fuga...

N'este momento o forçado evadido começou a gritar com voz surda e cavernosa. A musica parou. Duas raparigas puzeram fora da porta meio aberta as cabeças louras e curiosas, e o seu mestre de dança, afastando-as um pouco, sahio com a rebecka na mão.

Era um bom homem, que já passava dos quarenta, desempenado, com um ar jovial, e, para dizer tudo, de physionomia um pouco ridicula. O seu typo, completamente deslocado, expatriado n'aquelle logar, não fazia lembrar o indigena, nem o slavo.

Dirigio-se ao forçado, e perguntou-lhe em mão russo, mas com ar de interesse, de que se queixava tanto.

— Estes cães, deixarem-me aqui arder em sede! exclamou o paciente. É um ferro em brasa

lá dentro, accrescentou elle abrindo a bocca extraordinariamente, com os labios deformados pela acção corrosiva do acido sulfurico.

O homem da rebecka teve uma inspiração. Do casaco forrado, que trazia vestido, tirou uma garrafinha vazia, tornou a entrar em casa das discipulas e pediu-lhes que a enchessem d'agua. Voltou para ao pé do desgraçado e despejou-a gotta a gotta n'aquelle bocca intumescida e incandescente.

O outro olhou como animal reconhecido.

— Obrigado, exclamou.

Era facil conhecer que elle havia de lembrar-se.

— Deixaste-te apanhar outra vez? disse-lhe o homem da rebecka. Pois não sabias o que te esperava?

— Então o que era?

— Cincoenta açoutes com o knout, e o resto...

— E o que tem isso? Hei de aguentar-os... e depois hei de beber á saude do czar, pae de todos nós.

O mestre de dança approximou-se do recém-chegado ás minas, e disse-lhe em voz baixa:

— Elle não sabe o que diz! Aposto que em chegando aos vinte, morre.

O mancebo pensou consigo mesmo:

— Eis aqui a sorte, que me esperava, se eu pretendesse fugir, e tornasse a ser preso. Perante a justiça do czar, entre mim e este homem não ha a mais pequena differença.

Dirigindo-se depois para o mestre de dança, estendeu-lhe a mão, e disse-lhe:

— Permitta-me que tambem lhe diga: obrigado pela caridade com que tratou aquelle infeliz!

— Aperto-lhe a mão com grande prazer, replicou o musico, que tinha notado nas costas do recém-chegado ás minas o quadrado de panno, que indicava os condemnados politicos. O agradecimento é escusado. Graças a Deus, não preciso constranger-me. Não pertenco á chusma, nem á policia, nem á exploração das minas. Sou Parisiense, e professor de dança. Naturalmente conhece Paris? Pois eu nasci na praça da Bastilha, defronte da columna... E viva a liberdade!

O policia, que conduzia o deportado, veio pôr termo á conversação: o inspector estava á espera.

— Outro aperto de mão, diz o mestre de dança; este offereço-lh'o eu. Coragem, accrescentou elle a meia voz, apertando a mão do rapaz.

Este afastou-se murmurando de si para si:

— So fosse um amigo!...

O inspector, baixinho, bem escanhado, de perfil anguloso, olhos impenetraveis, ordenou ao deportado que se puzesse n'á até á cintura, e verificou a sua identidade, tendo na mão a descripção das feições.

Sobre o peito do mancebo pendia uma medallha. Elle còrou, e poz-lhe a mão em cima precipitadamente, como para roubar-lhe a toda a profanação.

Este movimento foi mal interpretado pelo inspector.

— Dé-me licença, disse elle.

— Oh! exclamou o deportado, julgo que o retrato de uma senhora não deve inspirar cuidado pela segurança do Estado... ainda que seja o retrato de quem padecceu o martyrio... da filha do poeta Davidoff... um deportado como eu... que ella acompanhou para o exilio...

— Conheci Davidoff e a filha, respondeu o inspector. Elle trabalhou n'esta mina...

— E depois? redarguiu com grande interesse o deportado. Por piedade!...

— Foi-lhe suavisada a sorte... Mandaram-n'o internar em Irkutsk.

Ditas estas palavras, o inspector mandou inscrever o condemnado no registo dos forçados com o n.º 1:367; deu ordem em seguida para que o conduzissem á mina.

Instantes depois, era o deportado entregue ás mãos de um cabo da chusma.

— Yermac, disse o guarda, ahí tens um para o logar dos que te faltam...

— Esta semana morreram-me nada menos de tres, observou o cabo, que tirou um caderno da algibeira e preparou-se para escrever. Olhou para o rapaz.

— Yegor Semenov, disse este, julgando que o cabo lhe perguntava o nome. E acrescentou: Quer que eu escreva?

— Ah! eu sei escrever, respondeu o cabo com um sorriso imperceptível, e só preciso de um numero. Que numero é?

— 1:367, replicou o guarda. O inspector mandou-o habitar a «yurte» n.º 13, onde ha já dois forçados.

Em quanto o guarda estava fallando, Yegor Semenov estudava a phisionomia do homem, sob cujas ordens o collocavam, e que estava armado de um chicote de couro. Achou-lhe um ar grave, feições bronzeadas, mas regulares, respirando honestidade.

Não tinha nada de um comitre; antes parecia um homem justiceiro, difficil de transigir.

— Para o trabalho! bradou o cabo Yermac. E fendeu o ar com o seu chicote. Para alli! acrescentou elle, designando o logar, em que alguns mineiros puchavam para fora os cestos de minereo. Olha que te não perco de vista, addicionou ainda.

Os mineiros, cobertos de pedaços de pelle de carneiro, sordidos, descalços, olhavam disfarçadamente para o companheiro que chegava, bem agasalhado, com umas botas grossas, de lixa, compradas em Nertchinsk, onde o deportado, graças ao dinheiro que trazia, poudo fazer algumas compras uteis.

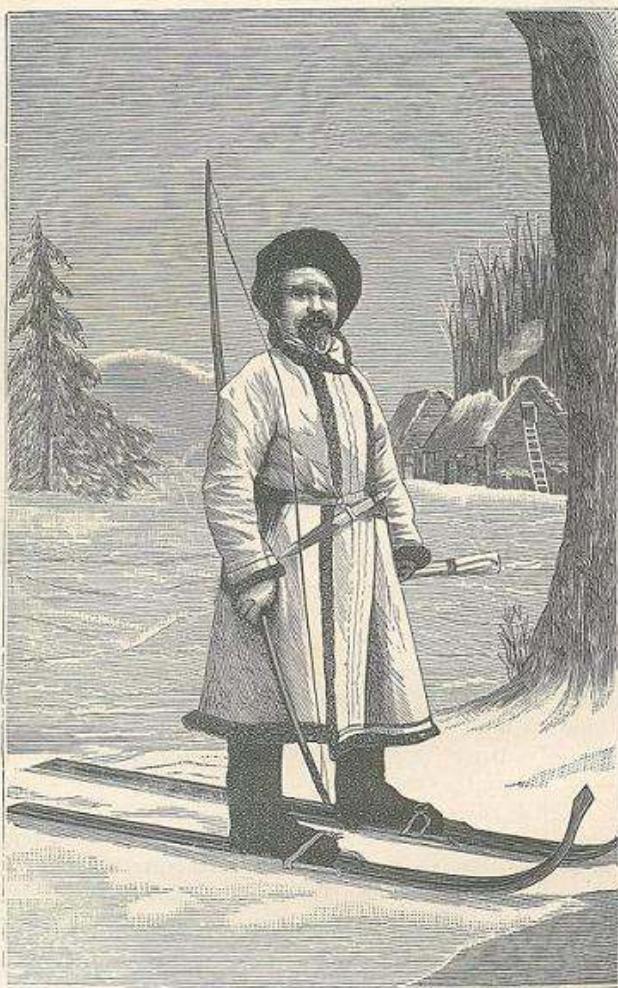
Um d'elles, passando por deante, mostrou o caminho, que tomava.

Era uma interminavel escada de mais de quatro centos metros. Yegor principiou a descer-a seguido da sua gente e do cabo. Algumas lanternas fumegantes collocadas nas cavidades da parede mostravam a espessura das trevas, sem conseguirem dissipal-as. Havia de espaço a espaço bancos de descanso.

Yegor ouvia o ruido metallico, que partia de dentro do poço. Aquelle ruido estridente, aquella noite funda, aquelles grupos melancholicos, esfarrapados, de entre os quaes alguns corpos ás vezes subitamente illuminados projectavam em torno sombras immensas, o ar carregado de pó deleterios, causavam estranha impressão ao pobre moço, que, apesar de tudo, ainda não tinha

principiado a aprendizagem das coisas lugubres da prisão e do exilio!

Mais de perto ainda era mais horroroso, se é possivel: a maior parte d'aquelles homens, de barbas crescidas, de longos cabellos arripiados, com o rosto tizado, a pelle escamosa, o olhar sinistro, traziam na testa e nas faces o estigma infamante *vor*. Esses taes eram assassinos, ladrões, falsarios... Distinguiam-se tambem pelo quadrado de panno cozido nas costas do capote: os homicidas tinham um quadrado vermelho, os ladrões um quadrado preto, e os incendiarios amarelo.



UM VONTIAK

Os outros pertencentes á cathogoria de condemnados politicos, apresentavam rostos macilentos, corpos descarnados, secos, minados pela febre, consumidos pelo pó do minereo — que evolva arsenico se é um minereo de estanho, e verdade, se é de cobre.

Dir-se-hiam cadaveres ambulantes. Alguns estavam verdes, com as cabeças calvas, de um branco sujo.

Os olhos amortecidos deixavam cair as palpebras como para o eterno somno.

Surgiam e desapareciam repentinamente por detraz de uma rocha, enterravam-se como phantasmas em galerias escuras. E de tempos a tempos escutava-se o zunido do chicote de um cabo da chusma caindo sobre costas, em que só havia ossos, e seguiam-se os gemidos arrancados pela dor...

Yegor tinha sido atirado para o fundo de uma

galeria principiada. Só, n'aquelle buraco estreito, como n'uma cova de pedra, affigurava-se-lhe que o tinham enterrado vivo! Sentia-se abafar.

Uma impressão de terror, impossivel de ser descrita, sacudia-lhe o corpo em tremores convulsivos.

Tentou servir-se do martello; porém o braço caiu-lhe inerte, sem força, como paralisado.

O guarda, a quem devia obedecer, dirigiu-se vagarosamente para elle, e levantando o chicote disse-lhe:

— É preciso que te ponha em movimento!

— Não me toques! exclamou Yegor, de cabeça perdida—ou então, mato-te, miseravel!

Depois, como tomado de delirio, de loucura, lançou-se a elle gritando:

— Se queres, ahí tens... Podes fazer-me morrer com o knut.

E applicou uma bofetada estridula na face do cabo.

O mancebo esperava ser feito pedaços. Mas o comitre moveu os olhos ameaçadores; e depois — coisa admiravel! fitou-o sem dizer uma palavra. Arremessando o chicote para longe, para evitar qualquer tentação ou desejo de fazer uso d'elle, respondeu ao insulto do forçado com as seguintes palavras pronunciadas com a maior placidez:

— Se eu quizesse podia machucarte, pulverisar-te nas minhas mãos! Por esta vez perdoo-te; acceto o castigo em expiação dos crimes de meu filho...

Depois d'isto, como se receiasse dizer mais alguma cousa, o guarda affastou-se apressadamente e desapareceu no fundo de uma galeria deixando Yegor Semenov entregue ao espanto e ás reflexões.

(Continua.)

SOBREMESA

Maxima d'um diplomata muito conhecido do bello sexo:

— Conheço mulheres que são peiores que outras; mas que seja melhor, não conheço nenhuma!...

* *

Um moço author dramatico acabava de ler aos seus amigos uma comedia muito ruim, que fôra accete no theatro de D. Maria.

Um dos assistentes á leitura disse-lhe:

— Mas como demonio foste capaz de levar essa comedia ao theatro de D. Maria?

— Então que queres! torna o interpellado. Se eu móro ali tão perto!

* *

No Chiado:

— Adeus, oh Chico; então casaste; e não me convidaste para a boda?

— Desculpa, rapaz... tenho andado estes dias tão atarefado... Mas na proxima vez, deixa estar que não me esquecerei de ti.

MARRASQUINO.